

NOTÍCIA DE TESES DEFENDIDAS E DISSERTAÇÕES APRESENTADAS EM 2007, NOTÍCIA DE PESQUISAS EM ANDAMENTO EM 2008, NOTÍCIA DE DISCIPLINA MINISTRADA POR PROFESSOR CONVIDADO EM 2007

Teses de doutorado defendidas em 2007 (pelo mês)

s e t e m b r o

Fernando Crespim Zorner da Silva. *Os caminhos da paixão em Hipólito de Eurípides*.
Orientador: Prof. Dr. José Antonio Alves Torrano.

Heloisa Maria Moraes Moreira Penna. *Implicações da métrica nas Odes de Horácio*.
Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Ricardo da Cunha Lima. *A presença clássica na poesia neolatina do humanista português Antônio de Gouveia*. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

d e z e m b r o

Guilherme Mello Barreto Algodoal. *Sobre a expressão*. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

José Marcos Mariani de Macedo. *A palavra ofertada: uma análise retórica e formal dos hinos gregos e da tradição hínica grega e indiana*. Orientadora: Profa. Dra. Paula da Cunha Corrêa.

Dissertações de mestrado apresentadas em 2007 (pelo mês)

m a r ç o

Aristóteles Angheben Predebon. *Edição do manuscrito e estudo das Metamorfoses de Ovídio traduzidas por Francisco José Freire*. Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto.

Ivonete de Souza Rabello. *Ver e saber no livro I das Histórias de Heródoto*. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

Paula Cristiane Ito. *As enantiologias na Ifigênia em Áulis de Eurípides*. Orientador: Prof. Dr. José Antonio Alves Torrano.

j u n h o

José Augusto Arantes Junior. *A concepção de retórica e seus desdobramentos morais em Górgias de Platão*. Orientador: Prof. Dr. José Antonio Alves Torrano.

Ricardo Reali Taurisano. *O De libero arbitrio de Agostinho de Hipona*. Orientador: Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos.

s e t e m b r o

Gilson Charles dos Santos. *Entre os olhos e os ouvidos: a guerra civil entre César e Pompeu nas narrativas de Floro e Lucano*. Orientador: Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos.

o u t u b r o

Alexandre Agnolon. *Uns epigramas, certas mulheres: a misoginia nos Epigrammata de Marcial (40 d.C - 104 d.C)*. Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto.

Pesquisas em andamento em 2008 (por linha de pesquisa)

Narrativa greco-latina

A pinturas do templo de Juno e o Ciclo Troiano: imagem e memória épica na arquitetura da Eneida. Doutorando: Francisco Edi de Oliveira Sousa. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Das Narrativas verdadeiras de Luciano de Samósata: tradução, notas e estudo. Mes-tranda: Lucia Sano. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

Os Anais de Quinto Ênio: estudo, tradução e notas. Mestrando: Everton da Silva Natividade. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Poesia lírica, satírica e didática

A guirlanda de sua guirlanda: epigramas de Meleagro de Gadara: tradução e estudo. Mestrando: Flavia Vasconcellos Amaral. Orientador: Prof. Dr. Christian Werner.

Apocolocintose do divino Cláudio: tradução, notas e comentários. Mestrando: Frederico de Sousa Silva. Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.

Confluência genérica na elegia erótica de Ovídio, ou a elegia erótica em elevação. Mes-tranda: Cecília Gonçalves Lopes. Orientador: Prof. Dr. Paulo Martins.

Imagens de Afrodite: variações sobre a deusa na mélica grega arcaica. Doutoranda: Giuliana Ragusa de Faria. Orientadora: Profa. Dra. Paula da Cunha Correa.

Os fragmentos atenienses de Simônides. Um estudo das fontes epigráficas anteriores a 480 a.C. Mestrando: Robert Brose Pires. Orientador: Prof. Dr. Christian Werner.

Ovídio e o poema calendário: os Fastos, livro II, o mês das expiações. Mestranda: Maria Lia Leal Soares. Orientador: Prof. Dr. Christian Werner.

Pequena gramática poética de Marcial. Mestrando: Fábio Paifer Cairolli. Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto.

Teatro greco-latino

Eunuchus de Terêncio: estudo e tradução. Mestranda: Nahim Santos Carvalho Silva. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Hércules furioso de Sêneca: estudo introdutório, tradução e notas. Mestrando: Luciano Antonio Bienvenido Spinelli Marchiori. Orientador: Prof. Dr. José Eduardo dos Santos Lohner.

O Díscolo: estudo e tradução. Mestrando: Helena de Negreiros Spinelli. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

O mercador de Plauto: estudo e tradução. Mestranda: Damares Barbosa Correia. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

O sublime na tragédia grega. Doutorando: Mario Vitor Parreira Santos. Orientador: Prof. Dr. Antonio Medina Rodrigues.

O tema da felicidade no teatro de Sófocles. Doutorando: Orlando Luiz de Araújo. Orientadora: Profa. Dra. Filomena Yoshie Hirata.

Quando as mulheres estão no poder: ambiguidades, obscuridades e referências políticas em As tesmoforiantes de Aristófanes. Mestranda: Milena de Oliveira Faria. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

Reso, de Eurípedes: tradução e estudo comparativo do tema da astúcia. Mestranda: Lilian Amadei Sais. Orientador: Prof. Dr. André Malta Campos.

Tragédia e história: análise d'Os persas de Ésquilo sob a luz das Histórias de Heródoto. Mestrando: Luís Fernando Milan Muniz Cavalheiro. Orientador: Prof. Dr. José Antonio Alves Torrano.

Discurso teórico greco-latino

A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad familiares, I, 9, 23. Doutorando: Adriano Scatolin. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

-
- A invenção platônica da dialética.* Doutorando: Rodolfo José Rocha Rachid. Orientador: Prof. Dr. José Antonio Alves Torrano.
- Aprender é recordar: conhecimento e aprendizagem por reminiscência no Mênon de Platão.* Doutorando: Oscar de Lira Carneiro. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.
- Écfrase e evidência nas Letras Latinas: doutrina e práxis.* Mestranda: Melina Rodolpho. Orientador: Prof. Dr. Paulo Martins.
- O Da invenção de Marco Túlio Cícero: tradução e estudo.* Mestrando: Kabengele Ilunga. Orientador: Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos.
- O riso segundo Cícero e Quintiliano: tradução e comentários de De oratore, 216-291 (De ridiculis) e da Institutio oratoria, Livro VI, 3 (De risu).* Mestrando: Ivan Neves Marques Junior. Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.
- Pólis: reflexo das almas humanas. Contrato social, ética e cidadania no diálogo Críton de Platão.* Doutorando: Ricardo Leon Lopes. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.
- Ritmo e sonoridade na poesia grega antiga: uma tradução comentada de 23 poemas.* Mestrando: Carlos Leonardo Bonturim Antunes. Orientador: Prof. Dr. André Malta Campos.

Estrutura da frase grega e latina

- Leis das Doze Tábuas: linguagem e contexto.* Doutorando: Jânio Celso Silva Veiga. Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.
- Os comentários de Sêrvio Honorato ao “Canto VI” da Eneida.* Mestranda: Priscila de Oliveira Campanholo. Orientador: Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos.
- Uma abordagem não normativa dos fatos da língua latina.* Doutoranda: France Yvonne Murachco. Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.

Notícia de
MARCOS MARTINHO
Universidade de São Paulo

Disciplina de pós-graduação ministrada por Professor Convidado do PPG Letras Clássicas da FFLCH/USP em 2007

Em junho de 2007, a Profa. Dra. Fabre-Serris (Université de Lille 3, França) ministrou a disciplina de Pós-Graduação FLC 6033 “Práticas e jogos da escrita poética em Roma no fim do séc. I a.C.”, a convite do PPG Letras Clássicas da FFLCH/USP. A disciplina propôs-se descrever o debate de poetas latinos da época augustana (= Galo, Vergílio, Tibulo, Propércio, Ovídio) sobre o gênero elegíaco. Para tanto, investigou: 1º o debate sobre a elegia estabelecido por Vergílio; 2º as respostas oferecidas a Vergílio por Tibulo, Propércio, Ovídio, sobre a posição que o gênero elegíaco ocuparia entre os demais, particularmente entre o gênero bucólico e épico.

Dados da disciplina:

área: Letras Clássicas

nome da disciplina: “Práticas e jogos da escrita poética em Roma no fim do séc. I a.C.”

sigla da disciplina: FLC 6033

ministrante: Profa. Dra. Jacqueline Fabre-Serris (Université de Lille 3, FRANÇA)

data: 5-6, 12-13 e 19-20 de junho de 2007

horário: das 14h às 18h

local: Prédio de Letras da FFLCH/USP

Resumo das aulas: Ao longo de seis aulas, a Profa. Dra. Fabre-Serris desenvolveu o programa da disciplina de pós-graduação credenciada no Curso de Pós-Graduação da FFLCH/USP sob a sigla FLC 6033, conforme resumo a seguir.

1ª aula (5 de junho de 2007)

C. Cornélio Galo, Amores:

Galo é considerado o fundador da elegia latina, por exemplo, por Propércio e por Ovídio (*Tr.*). Foi um dos *neóteroi*, que seguiam a poética calimaquiiana, caracterizada, por exemplo, pela brevidade e leveza e também pelo dístico elegíaco.

Apesar de não terem sobrevivido, pode-se entrever a importância dos *Amores* de Galo, a julgar pela fortuna crítica deles, que foram muito discutidos por Vergílio, Tibulo, Propércio, Ovídio. Galo, pela poesia, teria participado do grupo de Polião, ao lado de Vergílio; pela política, teria passado, sim, de Antônio a Otávio, mas, depois, teria feito erigir muitas estátuas suas no Egito, de modo que suspeitaram dele e, daí, o acusaram de infidelidade a Otávio.

O frg. C permitiria entrever uma discussão sobre o gênero das composições de Galo. Quiçá ele lá se teria recusado a compor uma epopéia em favor de elegias ou epigramas.

Vergílio, *Bucólicas*:

Diógenes da Babilônia diz que a música pode apaziguar os afetos; Filodemo de Gádara, porém, diz que isso ela pode fazer, não por meio do ritmo e harmonia, mas por meio da associação desses com a palavra; em outros termos, não por si só, mas pela associação dela, música, com a poesia. Vergílio, por sua vez, retoma a posição de Filodemo; porém, acrescenta o problema do gênero de poesia, de modo a supor que nem toda poesia possa apaziguar os afetos – em particular, supõe que não possa fazê-lo o gênero elegíaco, uma vez que, como diz, Galo morreu de amores indignos dele (B. 10).

Na “Bucólica 10” – de fato, a última composta pelo poeta –, Vergílio aconselha Galo; à maneira deste, porém, aconselha-o por meio de exemplos mitológicos tirados a Teócrito. Assim, diz que Dáfnis, porque não recusou o amor de outra, foi cegado, e Polifemo, porque recusou qualquer outro amor, morreu. Demais, a julgar pela “Bucólica 2” – na verdade, a primeira composta –, a “B. 10” parece retomá-la, uma vez que em ambas há um amante desprezado: nesta, Polifemo, desprezado por Galatéia; naquela, Coridão, desprezado por Aléxis. Em Teócrito, porém, ao aperceber-se de seu desvario, Polifemo decide recusar o amor, a fim de tornar a seus costumes de pastor (Thcr. 11).

Logo, segundo Vergílio, o gênero que permitiria apaziguar os afetos seria, não o elegíaco, mas o bucólico. É verdade que há uma diferença de ponto de vista, pois, ao passo que Vergílio atenta para o efeito da elegia no autor do canto, isto é, Coridão, os elegíacos atentam para o efeito no destinatário, isto é, Aléxis. Seja como for, a posição de Vergílio é epicuréia, pois, segundo os epicureios, não há amor feliz, de modo que a felicidade resida na recusa do amor. Assim, na “B. 8”, há dois cantos, um de um pastor, e o outro de uma pastora, dos quais aquele seria uma versão do amor própria de Teócrito (Thcr. 3). Num e noutro, porém, um homem morre de um amor indigno dele, porque a mulher não corresponde aos afetos dele.

2ª aula (6 de junho de 2007)

Vergílio, *Bucólicas* (cont.):

Na “B. 5”, ao dizer que Dáfnis instituiu (*instituit*) atrelar um atrelar o carro a tigres (v. 39-41), Vergílio retoma Lucrécio, que diz que Ceres e Líbero instituíram (*instituisse*) os cultos dos grãos e da vinha (Lucr. V). Assim, Vergílio, na verdade, atribui essa e outras ações do deus Baco ao mortal Dáfnis. Porém, segue Lucrécio, ao relacionar a passagem da brutalidade à sociabilidade com a invenção da música e, em particular, com a invenção da flauta, isto é, da música pastoril. Mais do que isso, porém, ao passo que Lucrécio supõe inventor anônimo, Vergílio identifica este com Dáfnis. Seja como for, o mais antigo gênero poético teria sido o bucólico, e os primeiros deuses a ser cultivados, Ceres e Baco.

Lucrécio observa que os inventos de Ceres e Líbero não são indispensáveis à vida, uma vez que há povos que não os conhecem; porém, observa que o peito puro (*puro pectore*) é indispensável à vida feliz, e aquele foi dado aos homens por Epicuro. Daí, conclui que, se o que este descobriu é superior ao que os deuses inventaram, Epicuro deve ser um deus (Lucr. V). Vergílio, por sua vez, apropria a lição de Lucrécio, de modo a concluir que foi graças à poesia que os homens se reuniram em sociedade – em particular, graças à poesia pastoril.

Vergílio, *Geórgicas*:

Em G. II, Vergílio explica a felicidade dos camponeses, alegando que não conhecem as paixões, por exemplo, a ambição, característica dos cidadãos. Porém, à comunidade primitiva dos pastores das *Bucólicas* seguir-se-ia a comunidade organizada dos agricultores das *Geórgicas*, assim como a esta, ademais, a comunidade histórica dos fundadores da *Eneida*.

O Títilo de G. IV dependeria do Lícidas de Teócrito e, antes, do Longo de Filetas, pois todos são anciãos e, ademais, donos de um jardim. Num frg. de Filetas, porém, o jardim é lugar de prazeres amorosos, ao passo que o jardim de Títilo lhe garante uma subsistência modesta, ou ainda, lhe permite viver à maneira epicuréia. Logo, Vergílio teria modificado o exemplo de Filetas, de modo a acomodá-lo à filosofia epicuréia.

A lição de Sérvio, segundo a qual Vergílio teria substituído o elogio de Galo pela história de Orfeu, talvez não seja exata. Talvez Vergílio tenha substituído uma história por outra igualmente narrada por Galo, a qual seria a história de Orfeu. De fato, três nomes de ninfas referidos em G. IV remetem a Galo, assim: Cidipe

é amada de Acôncio; Licoríade lembra a Licóride de um frg. de Galo; Aretusa lembra a Aretusa amada por Galo em B. 10. Ora, o lamento amoroso de Orfeu é elegíaco, uma vez que Eurídice qualifica o amor dele como *furor*. Mais que isso, diz-se que por causa do *furor* Orfeu pôs a perder o *labor*, de modo que se oponham este e aquele. Na verdade, essa oposição já é assinalada por Vergílio num passo de G. I: [...] *labor omnia uicit*, em que retoma um passo de B. 10: *omnia uicit amor* [...]. Ora, também na *Eneida*, Enéias empenha-se nos labores, até que estes periclitam por causa do amor de Dido. Enéias, porém, renuncia a esse amor, de modo que é Dido que sucumbe ao furor.

Enfim, é curioso notar que Vergílio, que tanto se empenhou em mostrar a falácia do amor elegíaco, nos legou os mais belos exemplos dele. Seja como for, foi à tentativa de reduzir o gênero elegíaco a uma matéria única, amorosa, que reagiram os poetas elegíacos, a saber: Tibulo, Propércio, Ovídio.

3ª aula (12 de junho de 2007)

Tibulo:

Em muitos passos, Tibulo responde a Vergílio. Em I 4, o poeta, velho, conversa com a divindade, Priapo. Ora, em primeiro lugar, o antecedente seria o “Prólogo” dos *Aítia*, em que o poeta conversa com as musas. Em segundo lugar, a figura do velho lembra não só o Longo de Filetas, mas, antes de tudo, o Títilo de Vergílio; assim também, Priapo, postado no meio do jardim, lembra ambos, proprietários de um jardim. Porém, entre o velho de Filetas, erótico, e o de Vergílio, não erótico, Tibulo segue aquele, rejeita este. Além disso, Tibulo pretende mostrar, por meio da exposição de Priapo, que a elegia, mais que um lamento amoroso, pode ser argumentação amorosa e, daí, arte. De fato, Tibulo supõe que o amante tenha as mesmas virtudes que Vergílio supõe que tenha o agricultor, a saber: domínio da arte, paciência e labor. Além disso, Tibulo justifica a eventual ineficácia da elegia do mesmo modo como Lucrécio justifica a eventual ineficácia da música, que é uma arte. De fato, assim como este diz que a música produzia mais prazer outrora, quando foi inventada, por causa da novidade (Lucr. II), assim também Tibulo diz que a elegia perdeu o prestígio de outrora, porque agora a ela os moços preferem presentes (Tib. I 4).

Em II 3, Tibulo novamente defende o amor elegíaco. Chama a atenção o *exemplum* mítico, uma vez que Tibulo recorre a ele raramente. Ora, o passo em que refere o *seruítium amoris*, a que Apolo se sujeitou por Admeto, a fim de concluir que

o amor vence tudo que é da arte médica, poderia depender de Galo. Pois este teria referido o amor de Apolo a Jacinto, de modo a mostrar como o deus médico não pôde curar o ferimento fatal de Jacinto, nem tampouco a sua própria paixão amorosa.

4ª aula (13 de junho de 2007)

Tíbulo:

A elegia catalógica desenvolve-se no período helenístico, a partir do exemplo de Hesíodo e também de Antímaco. Em outros gêneros, Vergílio, por exemplo, legou-nos vários catálogos, a saber: na “Bucólica 6”, nas *Geórgicas*, nos “Cantos VI e VIII” da *Eneida*. Na “Elegia I 7”, Tibulo, por sua vez, ao nomear Nilo, Osíris e Dioniso, enumera, sob forma de catálogo, os dons de Nilo, os de Osíris, os de Dioniso. A forma catalógica do texto revela-se, aliás, já pela elocução; por exemplo, pela repetição de termos: *hic ... hic; primus ... primus; te ... te*.

Segundo Lucrécio e também Cícero (*Nat.*), as coisas inventadas ou descobertas, úteis ou necessárias à vida humana, foram consideradas deuses; em outras palavras, segundo a lição epicuréia, foram consideradas divinas coisas apenas humanas. Assim, ao enumerar os dons de Nilo, Osíris e Dioniso, Tibulo estaria a adotar a lição epicuréia. De fato, se se aproxima o catálogo de Tibulo à “Bucólica 5”, observa-se que a invenção da música e dança, que Tibulo associa a Dioniso, é bem a que Vergílio associa a Dáfnis, isto é, a um mortal. Em suma, Tibulo teria incorporado à “Elegia I 7” elementos próprios de outros gêneros.

Na primeira parte da “Elegia II 1”, Tibulo celebra os feitos de Messala (v. 1-36) e, na segunda, os dons dos deuses agrícolas. Ora, essa é a matéria mesma das *Geórgicas*, os *munera* dos deuses agrícolas (G. I 12). Em particular, tanto Tibulo quanto Vergílio descrevem, sob forma catalógica, a agricultura, a arboricultura, a apicultura. Tibulo, por sua vez, conta que o agricultor, cansado de empurrar a charrua, inventou a música e a dança, de maneira que, mais uma vez, admite que essas sejam invenções humanas. Em suma, na “Elegia II 1”, ao render homenagem a um cidadão notável e também protetor dos poetas, ao empregar a forma catalógica, ao atribuir a mortais a invenção de artes, Tibulo resume todo o plano das *Geórgicas*; em outras palavras, perfaz em poema elegíaco o que Vergílio faz em didático.

Se, nas elegias antes referidas, Tibulo emula os gêneros bucólico e didático, na “Elegia II 5”, todavia, emula o gênero épico; tanto naquelas quanto nestas, porém, está sempre a responder a Vergílio. De fato, ainda que, ao compor suas elegias, Vergílio estivesse a compor a *Eneida*, passos desta já circulavam entre leitores, por

exemplo, o passo do “Canto VIII”, em que se descreve o escudo de Enéias. Ora, naquela elegia, Tibulo elogia a *pietas* dos pastores, porque confeccionaram estátuas em honra de Pã e Pales, e se contentam com seu gado, isto é, sabem viver de pouco, e se dedicam ao amor da amada. Ora, o elogio de Tibulo poderia aproximar-se ao elogio de Vergílio à *pietas* de Enéias; porém, Tibulo cita Enéias e, então, qualifica-o, não por *pius*, mas por *impiger*.

Além disso, Tibulo resume, sob forma de catálogo, as origens de Roma: a chegada de Enéias ao Lácio, a fundação de Alba Longa, Rômulo, a fundação de Roma, a guerra civil, de modo que o resumo de Tibulo se possa aproximar já ao “Canto VI”, já ao “Canto VIII” da *Eneida*.

5ª aula (19 de junho de 2007)

Propércio:

Ao contrário do que se vê de Tibulo, para Propércio nem sempre Vergílio é objeto de controvérsia. Na verdade, não raro diverge daquele de que divergiu o mesmo Vergílio, isto é, de Galo. Por exemplo, atribui a este muitos amores, ao passo que, em I 1, Propércio mesmo professa um único amor, o amor a Cíntia. Além disso, Propércio duvida das artes de amar, ao contrário de Galo. Em I 7, porém, embora admita que não possa curar sua própria paixão amorosa, adverte de que aprendeu tanto de Cíntia que poderia ser *praeceptor amoris* de outros.

Às vezes, porém, concorda com Galo. Por exemplo, em I 6, responde ao poeta Tulo, que lhe aconselha trocar o amor pela guerra, dizendo que, ao contrário, permanecerá fiel ao amor, se necessário, até a morte. Pois, como explica, a guerra concorda com a luxúria, e a esta Propércio prefere a pobreza, com que concorda, justamente, o amor. Assim também, outro poeta, Pôntico, aconselha-lhe a guerra (I 7); depois, porém, o próprio Pôntico se enamora (I 8).

Assim procede Propércio na *monobiblos*. No “Livro IV” das *Elegias*, porém, opera uma revolução no seio do gênero elegíaco. De fato, na *monobiblos*, a única voz é a de Propércio, que se apresenta como jovem que fala de suas desventuras amorosas; no “Livro IV”, porém, introduz não só a sua, mas outras vozes. Na verdade, já no “Livro II”, ouve-se a voz da *puella*; por exemplo, em II 19, quando Cíntia repudia os beijos de Propércio, não porque seja infiel a ele, mas, justamente, porque reage à infidelidade dele. Assim também, no “Livro IV”; por exemplo, em IV 7, quando Cíntia condena a infidelidade de Propércio, ao passo que afirma a sua própria fidelidade.

Ora, Cíntia encarnaria o ideal de *puella* proposto por Tibulo. De fato, este crê que ao amante fiel esteja reservado um lugar nos Campos Elíseos, e ao infiel, lugar no Tártaro. Propércio, por sua vez, transcreve o epitáfio de Cíntia com estas palavras:

*Hic carmen media dignum me scribe columna
sed breue quod currens uector ab urbe legat:
HIC TIBVRTINA IACET AVREA CYNTHIA TERRA
ACCESSIT RIPAE LAVS, ANIENE, TVAE.*

Como se vê, nenhuma palavra relativa a Propércio...

Alguns crêem que, por meio das várias vozes, Propércio teria introduzido na elegia elementos do mimo. De fato, Ovídio afirma que, em vez de elegias, poderia ter composto mimos. Porém, é possível supor a tese contrária, de modo a crer que, dado o sucesso dos *Amores* de Galo, o mimo é que teria apropriado elementos da elegia, parodiando-os.

Já em IV 5, Propércio alça a elegia à revisão dos costumes romanos, de que participaram não só poetas, mas historiadores e filósofos.

6ª aula (20 de junho de 2007)

Ovídio:

Ovídio, último dos elegíacos latinos antigos, faz, antes de tudo, um balanço do gênero. Assim, renuncia a restrição da elegia ao lamento amoroso, de modo a compor, por exemplo, elegias que são cartas enviadas por mulheres a heróis, cujo modelo seria a “Elegia IV 3” de Propércio.

Além disso, Ovídio faz um balanço da discussão dos elegíacos anteriores com Vergílio. Ora, nas *Metamorfoses*, narra dois casos semelhantes, em que uma mortal tenta escapar do assédio de um deus, e um instrumento musical é inventado, a saber: o caso de Io (I) e o de Siringe (X). Por exemplo, Io é assediada por Júpiter; Juno entrega-a à guarda de Argo; Mercúrio inventa a flauta, com que apazigúe a natureza bestial deste (I). Isso, porém, é lugar-comum do gênero bucólico, se não do mito de Orfeu. Logo, Ovídio sugeriria que, se a bucólica é a poesia mais antiga, a elegia é a bucólica moderna. De fato, preserva características desta, tais quais a *mollitia*, *querela*, etc.

Ovídio assimila o caso de Orfeu ao de Galo, de modo a responder a Vergílio, que reduz Orfeu ao *furor*, e o priva da *pietas*. Pois, segundo Ovídio, ao perder sua esposa, Orfeu continuou a amar, seja os rapazes amados dos deuses, seja as moças acometidas de algum amor proibido (X). No caso de Mirra, por exemplo, confundem-se *furor* e *pietas*, uma vez que, ao conceber o desejo de unir-se ao pai, ela é, de um lado, furiosa, por desejar algo proibido, e, de outro, piedosa, por amar o pai. Assim também, no caso de Bíblide, esta argumenta, dizendo ao irmão que, se já estão unidos pelos laços do sangue, poderiam unir-se ainda pelos laços do amor. O desejo amoroso seria, pois, como um grau superior de parentesco, de modo que a diferença entre *pietas* e *furor* seria, não de natureza, de gradação.

Notícia de
MARCOS MARTINHO
Universidade de São Paulo